

A Literatura Irlandesa e as Fontes Clássicas e Arqueológicas*

Filippo L. Olivieri

Doutorando em História, UFF
filippoolivieri@click21.com.br

Resumo

Esse artigo pretende analisar a articulação entre a antiga literatura irlandesa e os textos clássicos. Muitos relatos irlandeses podem têm semelhanças com textos clássicos. O comportamento dos antigos guerreiros irlandeses, por exemplo, podem ser observados em Diodoro da Sicília, Estrabão e Ateneu. Muitos desses relatos podem contribuir para a melhor compreensão da sociedade céltica antes da conquista romana. Apesar de escritos na Idade Média, os textos mitológicos irlandeses mostram uma sociedade que pode ser inserida na Idade do Ferro irlandesa e articulada com as fontes clássicas e o material arqueológico.

Palavras chave: Literatura irlandesa, Possidônio, comparação de fontes.

Abstract

This paper intends to analyze the articulation between the early Irish Literature and the Classical texts. Many Irish accounts resembles to Classical texts. The behavior of the old Irish warriors, for example, can be observed in Diodorus Siculus, Strabo and Athenaeus. Many of these accounts can contribute to the comprehension of the Celtic society before the Roman conquest. Despite written in the Middle Age, the Irish Mythological texts show a society that can be inserted in the Irish Iron Age and articulated with the classical sources, as well as the archeological material.

Keywords: Irish Literature, Poseidonius, comparing sources.

Introdução

Os estudiosos da civilização céltica sempre se questionaram sobre a viabilidade da articulação entre as fontes clássicas e a literatura mitológica da Irlanda pré-cristã. Tal questionamento concerne ao âmbito da metodologia, uma vez que entre a Gália dos relatos de César e a Irlanda de São Patrício há uma distância de quase seiscentos anos. E, entre César e a redação dos manuscritos, muitas vezes, mais de mil anos. Contudo, apresentaremos neste trabalho uma série de elementos, de correlações que permitem essa aproximação.

A natureza dos relatos mitológicos irlandeses

A literatura irlandesa compreende um *corpus* de textos escritos após a conversão da Irlanda por obra, principalmente, de São Patrício¹, no século V d.C. Esses textos foram reunidos por clérigos, detentores da herança dos *filid*². Estes pertenciam à classe dos druidas e eram especializados em todas as práticas mágicas, divinatórias e em todos os domínios da atividade intelectual. Além disso, os *filid* tinham acesso à escrita, ao contrário dos bardos (Guyonvarc'h & Le Roux, 1986: 390). Os textos mitológicos irlandeses foram redigidos após a conversão da Irlanda. O período de sua redação se situa aproximadamente entre os séculos IX e XIII, sendo alguns mais recentes. Os seus autores, como já dito, pertenciam ao clero irlandês e não deixaram os seus nomes registrados. Na sua origem esses textos pertenciam a uma tradição oral, que estava sob o zelo dos druidas. A transmissão era feita através dos *scéla* (singular *scél*, relatos), que eram relatos orais destinados a ser recitados e não escritos (Guyonvarc'h & Le Roux, 1986: 416-417). Assim, segundo Christian Guyonvarc'h e Françoise Le Roux:

Os textos irlandeses medievais são relatos orais (*scéla*) de que a escrita se apoderou. 'Não pertencem a nenhuma literatura escrita', e foram cristianizados *de uma só vez* (destaque dos autores), o que é estabelecido simultaneamente pelas modalidades de transmissão e, sobretudo, pelo desconhecimento do Purgatório cristão, surgido por volta do século XII, muito depois da sua transcrição inicial. (Guyonvarc'h & Le Roux, 1993: 43)

A Irlanda não fez parte do mundo romano, pelo menos não de forma direta como a Britânia, dessa forma, ficou “livre” da influência clássica. A Irlanda logrou conservar as características “arcaicas” dos indo-europeus devido à sua independência. Contudo, como destaca Barry Raftery a Irlanda não ficou fora da esfera de influência de Roma (Raftery, 1994: 218; Raftery, 1995: 636-637; Rankin, 2002: 304)³. A mitologia irlandesa não foi “contaminada” pelo pensamento cristão ou pela ideologia do “Amor Cortês” como o Ciclo Arturiano. Dessa maneira, preservou-se muito da originalidade e vitalidade do mundo céltico.

Os relatos irlandeses são essencialmente “irlandeses”, ou seja, as ações se passam sempre na Irlanda, os reinos irlandeses costumam se envolver em contendas, os heróis irlandeses estão referidos, quase sempre, à Irlanda. Assim, os acontecimentos envolvem o próprio surgimento e existência da ilha. A colonização da Irlanda por diversos povos míticos, as guerras entre os quatro reinos, enfim, a própria existência da ilha como tal estaria ligada a esses relatos.

A Irlanda “espelho” da Gália

Os relatos mitológicos irlandeses oferecem uma “visão” da Irlanda em plena Idade do Ferro. Muitos autores entendem que essas passagens correspondem à Gália de La Tène. Apesar dos relatos de César não citarem, por exemplo, os carros de combate de duas rodas⁴, a não ser na Britânia (César. IV, 32), isso não significa diferenças significativas entre a Gália e a Irlanda. Podemos inferir que a Irlanda de Conchobar (rei do Ulster) correspondia à Gália de La Tène Média no período de Luérnios (rei dos arvernos, meados do século II a.C.). Nora Chadwick e Myles Dillon (Chadwick & Myles, 2003: 34-35) entendem que os relatos irlandeses correspondem, em muito, à Gália pré-romana. Para Geoffrey Gantz (Gantz, 1981: 8), os relatos de César, Diodorus Siculus e Estrabão valem para a Irlanda. Segundo Christian Guyonvarc’h e Françoise Le Roux (Guyonvarc’h & Le Roux, 1986: 215), deve-se estudar a Irlanda para compreender a Gália. Myles Dillon e Nora Chadwick resumem de forma concisa a idéia da comparação Gália-Irlanda:

Literatura irlandesa no período que nos concerne, do oitavo ao décimo segundo século, apresenta uma tradição heróica e mitológica que está livre da influência grega e romana. Os contos heróicos descrevem um mundo bárbaro onde os costumes reportados pelos autores clássicos sobre os celtas da Gália são ainda observados. Lealdade, bravura, honra e hospitalidade são virtudes muito admiradas. É uma sociedade aristocrática. Os deuses às vezes interferem nos negócios dos homens, e nos contos mitológicos a noção de mágica, de um Outro Mundo invisível, é um lugar comum. (Tradução nossa) (Dillon & Chadwick, 2003: 240).

Os pesquisadores são quase unânimes em concordar que o confronto entre os dois tipos de textos (clássicos e vernáculos irlandeses) é viável. Todavia, alguns estudiosos rejeitam a comparação entre a Gália pré-romana e a Irlanda pré-cristã. O arqueólogo Jean-Louis Brunaux admite que os relatos irlandeses façam eco nas descrições de Posidônio, mas, mesmo assim, alega que:

(...) Na ilha longínqua (Irlanda), a literatura só foi re-transcrita a partir do século IX da nossa era, ou seja, quase perto de mil anos após a desaparecimento da religião gaulesa no continente. Através dos monges, sábios que resumiram a literatura através de arranjos e, quem sabe, falsificações e ‘invenções eruditas e tendenciosas’ (...) Além disso, nada indica que na Irlanda jamais tenha existido uma “religião céltica mais pura”, como alegam os partidários do comparatismo irlandês (...). (Tradução nossa) (Brunaux, 2000: 19-21).

O argumento de Brunaux é válido no que tange ao cuidado que a abordagem à literatura irlandesa deve ter. Entretanto, estamos diante de um mesmo patrimônio cultural, uma mesma herança céltica, obviamente, com suas particularidades. A distância geográfica que separa a Gália da Irlanda é fato, e a distância geográfica, também. Contudo, é quase certo que uma unidade cultural, que jamais foi política⁵ ou étnica, prevaleceu pela via da religião, da língua⁶ e da cultura material. Quanto à “pureza” céltica ou não da Irlanda, talvez seja uma discussão sem fim, entender o que seria uma cultura céltica em seu estado “puro”.

A literatura irlandesa refere-se a um período anterior à evangelização da Irlanda e retrata a sociedade céltica com uma estrutura que evoca, como já dito, o período de La Tène, do continente europeu, como confirmam os paralelos com os relatos dos autores clássicos, que se basearam em Possidônio, pelo menos em parte, como César, Diodoro da Sicília, Estrabão e Ateneu, entre outros, até mesmo em detalhes (Piggott, 1975: 100).

Os druidas foram os responsáveis pela manutenção da coerência cultural no Mundo Celta, ou pelo menos parte dele. A comparação entre os druidas gauleses e os irlandeses é possível. Para citar um exemplo de como os druidas da Gália e a Irlanda podem ser “comparáveis”, os textos mitológicos irlandeses fazem referência direta aos druidas (*druí*), vocábulo etimologicamente idêntico ao usado pelos autores clássicos. A observação de suas funções na Irlanda endossa os textos clássicos. Assim, no texto irlandês *A embriaguês dos ulates (Mesca Ulad)* (Gantz, 1981: 210-212)⁷, o druida Sencha é apresentado como mediador, porta-voz e pacificador entre os reinos da Irlanda da mesma forma que César apresenta o druida éduo Diviciacus (César, I, 31; II, 14)⁸.

As correlações entre os Clássicos, a Irlanda e a Arqueologia

O estudo das fontes clássicas e sua comparação com a literatura irlandesa devem ter em vista que mesmo o que pode parecer meros detalhes traz relevantes informações para a pesquisa da Civilização Céltica. Não raro, é possível a articulação entre os clássicos, a literatura e a arqueologia. Os costumes celtas podem ser observados em passagens, que normalmente podem passar por detalhes sem relevância. Tomemos um exemplo, durante a rebelião liderada por Vercingetórix, César sitiou um dos *oppida* dos arvernos, Gergóvia, em 52 a.C. Contudo, as legiões estavam passando por maus momentos e César, então, envia um corpo da cavalaria dos éduos⁹ como reforço. Estes traziam os ombros direitos nus em sinal de que vinham como amigos (*tametsi dextris humeris*) (César, VII, 50). Sobre isso, César informa que era um costume dos gauleses e que os romanos sabiam o seu sentido, mas os legionários pensaram ser um artil e não acreditaram. Em outra passagem, dessa vez de Ateneus (Ateneus, IV, 152), temos relatos dos costumes dos gauleses baseados em Possidônio. Ateneus discorre acerca dos banquetes, que os convivas celtas faziam circular as tigelas sempre da esquerda para a direita e que este seria também o sentido de adoração dos deuses. Por fim, na Irlanda, no *A Razzia das Vacas de Cooley (Táin Bó Cúalngé)* o herói Cuchulainn expõe o lado esquerdo do seu carro de combate como sinal de hostilidade (Guyonvarc’h (trad.), 1994: 77, 303); em outro texto chamado *As proezas da infância de Cuchulainn (Macgnimrada Conculaind)*, o herói Cuchulainn expõe o lado esquerdo do seu carro de combate para demonstrar hostilidade em relação aos seus inimigos (Gantz (trad.), 1981: 146). A Arqueologia, em recentes descobertas, mostra que os traçados das portas de muitos *oppida*¹⁰, na Gália, eram de tais formas construídas que quem se aproximasse pela via principal teria, obrigatoriamente, que expor o lado direito do corpo (Guyonvarc’h & Le Roux, 1993: 139-140).

No exemplo que trabalhamos no parágrafo acima, fica claro, que as fontes de naturezas diversas podem muitas vezes ser cruzadas com sucesso. No caso exposto, os textos clássicos, a literatura vernácula e as evidências arqueológicas confirmam um costume céltico. Assim, para os celtas o sentido da esquerda para a direita indicava receptibilidade, ao passo que o sentido da direita para a esquerda, sinistrogiro, indicava hostilidade.

Costumes da Irlanda em Possidônio

A unanimidade dos pesquisadores admite que os relatos baseados em Possidônio contenham trechos correlatos a várias passagens de textos irlandeses. Possidônio de Apaméia era filósofo estóico, além de amigo e professor de Pompeu e Cícero, percorreu o sul da Gália por volta da década de noventa ou oitenta antes da nossa era. Nesse período, o sudeste da Gália havia passado para a esfera romana, desde 121 a.C. e adquirido o nome de Província Narbonensis. Fez várias observações relevantes sobre o costume dos gauleses e sobre os druidas. Seus relatos estavam contidos em uma série de livros, desaparecidos, chamados *Histórias*. A parte relativa à Gália constava no livro XXIII, segundo refere Ateneus (Ateneus, IV, 154)¹¹. No que concerne aos celtas, autores clássicos, como Estrabão (*Geografia*), que escreve em 18 d.C. e Ateneus (*Deipnosophistas*), em meados do século III d.C., assumiram que baseavam os seus relatos, pelo menos em parte, em Possidônio. Diodoro da Sicília (*Biblioteca Histórica*), que escreve em torno de 30 a.C., por sua vez, não declara tal inspiração em relação aos relatos acerca dos celtas, mas a semelhança de suas passagens com a de outros faz crer que teve o filósofo estóico como referência. Os relatos “posidonianos” buscam captar os costumes dos celtas, mesmo os que seriam chocantes aos olhos dos “homens civilizados”. Dessa maneira, cortar a cabeça dos inimigos e conservá-las como troféus, banquetes turbulentos com fim sangrento e os sacrifícios humanos estariam entre as observações privilegiadas por Possidônio.

Selecionamos algumas das passagens que podem ser reportadas à Irlanda, não incluiremos aquelas referentes aos druidas.

Diodoro da Sicília relata que:

(...) (os celtas) mesmo durante os banquetes, por qualquer motivo trivial, se lançavam em disputas verbais e desafiavam outros homens para combates singulares, sem temor por suas vidas (DIODORUS, V, 28). Nas batalhas, os celtas se utilizavam de carroças de duas rodas, puxadas por dois cavalos. Esses carros conduziam o cocheiro e o guerreiro. No momento do combate, o guerreiro descia do carro e desafiava o seu oponente. (...) Quando os seus inimigos eram mortos, eles cortavam suas cabeças e fixavam-nas nos pescoços dos seus cavalos; tornam-se, então, para os seus servidores e lhes dão as armas dos inimigos, cheias de sangue, que as carregam como butim, cantando uma exaltação sobre eles e uma canção de vitória (...) (Diodorus Siculus, V, 29) (Tradução nossa)

Em Estrabão temos:

(...) Sua irreflexão é acompanhada também de barbárie e selvageria, e que são estranhas aos nossos costumes, que é própria de muitos povos do norte; eles fixam as cabeças dos seus inimigos aos pescoços dos seus cavalos e levam-nas para serem pregadas nos pórticos dos templos. (Estrabão, IV, 4, 5) (Tradução nossa)

Em Ateneu:

Possidônio, no seu vigésimo terceiro livro do *Histórias*, sobre os celtas, diz ele: durante um banquete, se batem em combate singular. Com efeito, estando excitados e munidos de suas armas, eles se engajam todos em um combate imaginário e acabam por se infligir ferimentos uns aos outros; e, mesmos irritados, se não são detidos pelos seus próximos, eles acabam por se matar. Ele (Possidônio) diz também, que

no passado quando se reuniam num banquete, o melhor combatente receberia a coxa. Mas, se alguém o questionasse, eles lutariam até a morte. (Ateneu, IV, 154) (Tradução nossa)

Não pretendemos, aqui, uma exposição exaustiva das passagens que podem ser reportadas aos relatos clássicos, mas aquelas que constituem um tipo inspirado em Possidônio.

Alguns textos da mitologia irlandesa são considerados os mais representativos.

O Festim de Bricriu (Fled Bricrend) é um conto que relata um festim promovido pelo guerreiro Bricriu. Nesse festim, vários heróis irlandeses estão presentes. A parte que nos interessa diz respeito à disputa pela chamada porção do campeão¹², ou seja, o melhor guerreiro teria direito à coxa do porco. Encontramos um relato notavelmente semelhante ao de Ateneus.

Bricriu dirige-se ao guerreiro Lógure Búadach: ‘Uma vez a parte do campeão estará com vocês em minha casa. E, Bricriu continuou: ‘Ela (a porção do campeão) será para vocês em Emain¹³ para sempre. E a porção do campeão em minha casa será dificilmente contestada, por não ser a porção de um tolo. Eu tenho um caldeirão que conteria três guerreiros dos ulates¹⁴ e que é usado para guardar vinho não diluído. Eu tenho um porco de vinte e sete anos que desde filhote é alimentado só com lavagem e leite fresco (...). A porção do campeão estará em minha casa. Desde que você seja o melhor guerreiro do Ulster, ela será sua por direito, e eu entendo que você a merece. (Gantz, 1981: 223-224) (Tradução nossa).

Em *O Conto do Porco de Mac Dathó*, encontramos os mesmos temas do *O Festim de Bricriu*. Disputas durante um banquete que visam desqualificar os oponentes e conseguir o direito de destrinchar primeiro o porco e merecer a coxa, que é a porção do campeão. Os guerreiros se sucedem em vários desafios até que, por fim, o merecedor se destaca. Para Jeffrey Gantz, trata-se da quintessência dos contos do Ciclo de Ulster, porém é um dos raros contos desse ciclo que o herói Cuchulainn não está presente (Gantz, 1981: 179-180).

Na seqüência, um homem triunfou sobre todos os da Irlanda: Cet, filho de Mágu do Connachta¹⁵). Ele suspendeu suas armas sobre todos; então, tomou uma faca nas mãos e curvou-se sobre o porco, dizendo: Ache entre os homens da Irlanda um que possa me superar em façanhas, de outra forma, eu irei destrinchar o porco’. Inamush, que era igual a Cet, não foi achado, e os ulates fizeram silêncio. (...) Lógure (guerreiro do Ulster) disse: ‘não é direito que Cet deva destrinchar o porco diante dos nossos olhares’. (Gantz (trad.), 1981: 183). (Tradução nossa)

A respeito do corte de cabeças e de exposição penduradas nos carros ou nos pescoços dos cavalos:

(...) Eis um homem em um carro, diz Lebarcham, e ameaçador em seu avanço. As cabeças dos inimigos, vermelhas de sangue, estão ao lado dele em seu carro. (Guyonvarc'h (trad.), 1994: 101) (Tradução nossa)

(...) É agora que Gris de Macha investe contra Sualtam.(...) Seu próprio escudo (de Sualtam) se volta contra Sualtam, e a borda do escudo corta a cabeça de Sualtam. O cavalo chega à Emain, o escudo sobre o cavalo e a cabeça sobre o escudo. (Guyonvarc'h, 1994: 221) (Tradução nossa)

Cuchulainn avisa o cocheiro de seu oponente. (...) 'Vá encontrá-lo com a advertência de tomar cuidado. Porque nós nos encontraremos e ele cairá na minha frente'. O cocheiro correu em direção ao seu mestre, e, mesmo correndo o mais rápido que pudesse, Cuchulainn foi ainda mais rápido. Ele corta a cabeça de Orlam e brande a cabeça para exibir aos homens da Irlanda. (Guyonvarc'h, 1994: 104) (Tradução nossa)

Esses relatos demonstram o paralelo entre a Irlanda pré-cristã e a Gália pré-romana. Muitos dos temas encontrados nos relatos clássicos podem ser vistos nos relatos mitológicos. Os desafios durante os banquetes pelo direito à porção do campeão, as cabeças decepadas e expostas que a todo o momento são evocadas¹⁶, encontram o seu eco nos clássicos que citamos. Os pesquisadores concordam com a correlação entre os relatos de Possidônio e a literatura da Irlanda. Para Rankin (Rankin, 2002: 60), Possidônio estava consciente sobre esses costumes em seu próprio tempo, o século I a.C. Para esse autor, os eventos relatados nesses contos podem se remeter ao século I d.C., não muito longe do tempo de Possidônio. Segundo Gerhard Herm: "As sagas irlandesas parecem descrever um mundo no qual acontecimentos teriam acontecido na antiga Gália" (Herm, 1977: 235). O autor destaca o fato da tradição céltica atestada por Possidônio ter se conservado no tempo e permanecido na Irlanda. Herm chama a atenção para o fato de que, no confronto entre as fontes, os heróis das sagas irlandesas usam certas roupas¹⁷ e armamentos semelhantes aos guerreiros da Gália (Herm, 1977, 236-237). Miranda Green atesta as correlações entre costumes narrados nos clássicos e os contos irlandeses. A autora ressalta a "caça de cabeças" em ambas as literaturas (Green, 1997: 116-118). Barry Cunliffe coloca que as semelhanças em relação aos contos irlandeses há cenas semelhantes com os relatos clássicos relativos a Possidônio:

(...) somos introduzidos em muitas cenas e ações que refletem comportamentos familiares através dos trabalhos etnográficos de Possidônio e César: banquetes e a porção do herói, batalhas com carros, combates singulares, cabeças decepadas, acordos nupciais entre casais, *forestage*, e acima de tudo a ética e a motivação da aristocracia guerreira para a qual as incursões guerreiras eram um lugar comum. (Cunliffe, 1997: 26) (Tradução nossa)

As atividades guerreiras entre os celtas assumiam uma grande importância na sociedade. Os relatos de Possidônio e da literatura demonstram que apesar da distância tempo-espacial entre a Gália e a Irlanda, os costumes apontam para uma raiz cultural comum. A aristocracia gaulesa, apesar dos contatos com Roma antes da conquista, não se afastou da tradição céltica. As diferenças entre os dois domínios celtas pertencem ao campo dos detalhes. A disputa pela porção do campeão, mais do que um hábito folclórico, remete à importância que o valor guerreiro tinha e o seu status. Na verdade, estamos diante de uma cultura voltada para a guerra. Não se pode esquecer que por traz

dessas disputas e desafios entre os campeões, os druidas tinham um importante papel. Segundo Jean-Louis Brunaux, quando se trata dos celtas, a guerra não pode ser destacada da religião (Brunaux, 2004: 10-11).

Conclusão

As correlações entre a literatura irlandesa e os textos clássicos não podem ser desprezadas. Os celtas no continente europeu, notadamente na Gália, e nas ilhas (Britânia e Irlanda) compartilhavam de uma mesma herança cultural como já atestava Georges Dumézil¹⁸ em seus estudos sobre as culturas indo-européias (Dumézil, 1992: 86-87). Os costumes célticos, que impressionaram Possidônio, lograram sobreviver na Irlanda até a chegada do Cristianismo. O “isolamento” da Irlanda permitiu que o modo de vida dos antigos celtas ficasse “congelado”. A literatura irlandesa, para além de reter o vigor da Civilização Céltica, permite vislumbrar arcaísmos que remontam aos indo-europeus. Seus contos podem ser equiparados às Sagas germânicas e mesmo à Ilíada e à Odisséia.

A literatura irlandesa compreende um patrimônio inestimável, um dos mais importantes do mundo ocidental. Um dos elementos que a tornam fundamentais é a sua origem em relatos eminentemente orais. Muito provavelmente, o aprendizado de vinte anos para memorizar versos que César disse fazer parte da instrução dos druidas pode ser vislumbrado na mitologia irlandesa. Cuchulainn foi um herói irlandês, mas algum herói semelhante a ele podia ter seu lugar nas narrativas dos bardos gauleses.

Fontes Primárias

- ATHAENEUS. *The Deipnosophistes*. London: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1941.
- CAESAR. *The Gallic War*. London: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 2004.
- DIODORUS SÍCULUS. *Library of History*. London: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 2000.
- THE BOYHOODS DEEDS OF CÚ CHULAINN (*Macgnimrada Conculainn*). In: GANTZ, Jeffrey. (tran.). *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Books, 1981, p.134-146.
- BRICRIU FEAST (*Fled Bricrend*). In: GANTZ, Jeffrey. (tran.) *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Books, 1981, p. 219-255.
- THE INTOXICATION OF THE ULAINN (*Mesca Ulad*). In: GANTZ, Jeffrey (tran.) *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Books, 1981, p. 188-218.
- THE TALE OF MACC DA THÓ PIG (*Scél Muice Meic Dathó*). In: Jeffrey (tran.) *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Books, 1981, p. 179-187.
- LA RAZZIA DES VACHES DE COOLEY (*Táin Bó Cúalnge*). In: GUYONVARC'H, Christian. (trad.). Paris: Gallimard (L'aube des peuples), 1994.
- STRABON. *Géographie*. Paris: Les Belles Lettres, 2003, Livres III et IV.

Bibliografia

Obras de referência

- DELAMARE, Xavier. *Dictionnaire de la langue Gauloise*. Paris: Ed. Errance, 2001.
- GREEN, Miranda. *Dictionary of Celtic Myth and Legend*. London: Thames and Hudson, 1997.
- KRUTA, Venceslas. *Les Celtes. Histoire et Dictionnaire – Des origins à la romanisation et au christianisme*. Paris: Ed. Robert Laffont, 2000.
- MACKILLOP, James. *Dictionary of Celtic Mythology*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

Obras gerais e teóricas

- BRUNAU, Jean-Louis. *Les religions gauloises: Nouvelles approches sur les rituels de la Gaule indépendante*. Paris: Errance, 2000.
- _____. *Guerre et religion em Gaule: Essai d'anthropologie celtique*. Paris: Ed. Errance, 2004.
- CUNLIFFE, Barry. *The Ancient Celts*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- DILLON, Myles & CHADWICK, Nora. *The Celtic Realms: The History and the Culture of the Celtic Peoples from Pré-roman to the Norman invasion*. London: castle Books, 2003.
- DUMÉZIL, Georges. L'ideologie tripartite des Indo-Européens. In: *Mythes et Dieux des Indo-Européens*. Paris: Flammarion, 1992.
- GUYONVARCH, Christian & LE ROUX, Françoise. *Les Druides*. Rennes: Ouest-France, 1986.
- _____. *La société celtique*. Paris: Ouest-France, 1991.
- _____. *A Civilização Celta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1993.
- _____. HERM, Gerhard. *The Celts*. New York: 1977.
- PIGGOTT, Stuart. *The Druids*. London: Thames & Hudson, 1999.
- RAFTERY, Barry. *Pagan Celtic Ireland: The Enigma of the Irish Iron Age*. London: Thames and Hudson, 1994.
- _____. Ireland: a world without the Romans. In: GREEN, Miranda. *The Celtic World*. London: Routledge, 1995. p. 636-653.
- RANKIN, David. *Celts and the Classical World*. London: Routledge, 2002.
- REES, Alwin and REES, Bridley. *Ancient tradition in Ireland and Wales*. London: Thames and Hudson, 1975.

Notas

* Orientador Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso. Pesquisa: "O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália nos séculos II e I a.C." O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

¹ Patrício ou Patrick (Grã-Bretanha c. 385 – Irlanda c. 461, datas controversas) é conhecido como o apóstolo da Irlanda e sua data comemorativa é 17 de março. Seu nome celta teria sido Succat (Mackillop, 1998: 363-365).

² Christian Guyonvarc'h e Françoise Le Roux (Guyonvarc'h & Le Roux, 1986: 390) traduzem *filid* por “poeta”. James Mackillop (Mackillop, 1998: 223) coloca que essa tradução reporta uma parte das atividades dos *filid*. Quando da evangelização da Irlanda por São Patrício, no século V d.C., os druidas haviam perdido muito da sua influência. Os *filid* haviam assumido preponderância e tomado parte do lugar daqueles e dos bardos. Os *filid* foram os primeiros da classe dos druidas a se converterem e foram os que, a princípio, reuniram sob a forma escrita a mitologia irlandesa, originalmente transmitida de forma somente oral.

³ A Irlanda nunca se tornou uma província romana, todavia, a arqueologia atesta um comércio estabelecido com o Mundo Romano. Além disso, mercenários irlandeses se instalaram no País de Gales, como *foederati*, com a autorização de Roma, em 340 d.C.

⁴ O carro de guerra de duas rodas, *essedum*, possivelmente estava em desuso na Gália, a não ser, talvez na Bélgica. No resto do território, o veículo deve ter sido usado somente em paradas. Na Gália, o carro de combate havia sido substituído pela cavalaria, talvez por influência da demanda de mercenários pelo Mundo Mediterrâneo. Essa substituição não implica, absolutamente, uma perda do “caráter” celta da Gália no tempo de César. (Kruta, 2000: 607).

⁵ Os celtas jamais constituíram uma unidade política, nunca houve um Império Celta. Os reinos celtas nunca tiveram a mesma característica dos outros reinos da Antiguidade em termos de coesão política (Guyonvarc'h & Le Roux, 1993: 63-67).

⁶ Ainda que a lingual da Gália, o gaulês e a língua da Irlanda, o gaélico ou irlandês antigo, pertençam a grupos diferentes, trata-se de um mesmo universo simbólico de referências. A pesquisa sobre as línguas célticas, demonstra cada vez mais, pela análise lingüística da epigrafia gaulesa comparada ao irlandês antigo que há um vocabulário comum no que tange, por exemplo, aspectos da religião (Lambert, 2001: 76-77).

⁷ A *embriaguês dos ulates* refere-se a um grande festim realizado pelos ulates (habitantes do Ulster) em Tara (centro religioso e político da Irlanda) durante a festa do *Samain* (Gantz, 1981: 188-189).

⁸ Diviciacus se coloca como porta-voz dos gauleses perante César. Ser o portador da palavra é uma atribuição francamente druídica, como é o caso do druida irlandês Sencha (Guyonvarc'h & Le Roux, 1986: 64-65).

⁹ Os éduos, até então, estavam do lado de César, e forneciam sua cavalaria como tropas auxiliares para os romanos (Kruta, 2000:595-596).

¹⁰ *Oppida* eram cidadelas construídas na Europa Céltica, numa região que vai do Vale do Garona (França) até o Médio Danúbio, na altura da Hungria, incluindo o extremo sudeste da Inglaterra. Com o avanço das pesquisas arqueológicas, sabe-se que essas “cidades” tinham várias funções e podiam se estender por vários hectares, como o *oppida* de Bibracte, “capital” dos éduos que tinha 200 hectares (Cunliffe, 1997: 310; Kruta, 2000: 762-763).

¹¹ Esses relatos não lograram chegar até nós, a não ser por fragmentos de outros autores, alguns deles, como é o caso de Ateneus, que escreveu o *Deipnosophistas* em meados do século III d.C. viveram trezentos anos após Possidônio (Cunliffe, 1997: 7-8).

¹² Porção do campeão (ant. irlandês *curadmír*) (Rankin, 2002: 60).

¹³ Emain Macha era a capital do reino do Ulster (Kruta, 2000: 748).

¹⁴ Ulates eram os habitantes do Ulster, região ao nordeste da Irlanda. Atualmente correspondendo à Irlanda do norte e regiões adjacentes (Guyonvarc'h & Le Roux, 1986: 414).

¹⁵ Connachta era um reino irlandês que ficava ao oeste da ilha. Costumavam ser rivais dos ulates (Mackillop, 1998: 422).

¹⁶ No *A Razzia das Vacas de Cooley*, as referências a cabeças decepadas são extremamente comuns. Trata-se de uma prática onipresente (Guyonvarc’h (trad), 1994: 65, 78).

¹⁷ Os irlandeses usavam capas presas por fíbulas ou broches. Contudo, não há registro definitivo do uso de calças na Irlanda à semelhança da Gália (Raftery, 1994: 127-128, 138).

¹⁸ Na elaboração da Teoria Trifuncional, Dumézil considera que, por exemplo, os relatos de César e a literatura da Irlanda pré-cristã são articuláveis (Dumézil, 1992: 87).